

# ÁGUAS ENCANTADAS: UM OLHAR DIFERENCIADO PARA A HIDROGRAFIA NAMBIQUARA<sup>1</sup>

Anna Maria Ribeiro F. M. Costa<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar um olhar diferenciado para a hidrografia Nambiquara. Toma por base estudos etnográficos que se entrelaçam aos relatos dos Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu, Kithãulhu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu, grupos pertencentes ao povo indígena Nambiquara, localizados na Terra Indígena Nambikwara, na Chapada dos Parecis, Mato Grosso, parte integrante da Amazônia Legal. Os resultados das pesquisas realizadas entre os anos de 2004 e 2008 revelaram o universo hidronímico, as águas encantadas, como espaços sagrados e morada dos espíritos. Também mostraram de que maneira os índios cotidianamente utilizam os córregos e rios, formadores do Tapajós.

**Palavras chave:** índios Nambiquara, universo hidronímico, espaços sagrados.

## ABSTRACT

This article has the objective of presenting a glance differentiated for the hydrographic Nambiquara. He has for base studies ethnographic interlaced to the reports of Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu, Kithãulhu, Niyahlosu, Siwaihsu and Hinkatesu, groups belonging to the indigenous people Nambiquara, located in the Indigenous Earth Nambikwara, in the Plated of Parecis, Mato Grosso, leaves integral of the Amazônia Legal. The results of the researches accomplished among the years of 2004 and 2008 revealed the universe hidronímico, the charmed waters, as sacred spaces and home of the spirits. They also showed that sorts out the Indians daily they use the streams and rivers, former of Tapajós.

**Wordkey:** Indians Nambiquara, universe of the rivers, sacred spaces.

1 Este estudo é parte da tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em História do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.

2 Doutora em História, Pesquisadora da Fundação Nacional do Índio e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

## Introdução

Na trajetória histórica de contato dos índios Nambiquara<sup>3</sup> com a população não indígena, um dos eventos de grande impacto foi a demarcação da Reserva Nambikwara, em 1968, pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Desse ano em diante, os grupos Halotesu, Kithãulhu, Sawentesu, Wakalitesu, Niyahlosu, Siwaihsu e Hinkatesu passaram a ter a obrigação de viver numa territorialidade definida por critérios alheios ao seu universo referencial. Completamente apartados desse processo de reterritorialização, permaneceram por algum tempo em aldeias localizadas além das linhas limítrofes estabelecidas pelo órgão indigenista oficial, até que fossem notificados do que havia ocorrido para, então, transferirem-se para a Reserva Nambikwara, hoje Terra Indígena Nambikwara. Entretanto, comumente, ainda saem em expedição às suas antigas aldeias, em meio aos pastos e à plantação de soja, a fim de visitar os cemitérios onde estão sepultados seus ancestrais. Suas crenças mítico-religiosas extrapolam o espaço imposto pela demarcação oficial, quando determinam os limites culturais do território Nambiquara, com uma linha que não se deixa ver.

Em Mato Grosso e em Rondônia, em decorrência das ações demarcatórias efetuadas pela FUNAI nas décadas de 1960 a 1990, as imensas terras ocupadas pelos diversos grupos que compõem a sociedade Nambiquara tornaram-se fragmentadas. Diversas Terras Indígenas foram destinadas aos grupos Nambiquara, localizadas em três ecossistemas: Serra do Norte, Vale do Guaporé e Chapada dos Parecis. Na área do Vale do Guaporé encontram-se a Terra Indígena Sararé, Terra Indígena Vale do Guaporé, Terra Indígena Alantesu, Terra Indígena Taihãntesu, Terra Indígena Pequizal, Terra Indígena Lagoa dos Brincos e Paukalirahjausu (em identificação); na Serra Norte estão a Terra Indígena Tubarão-Latundê, Terra Indígena Pirineus de Souza; e, finalmente, na Chapada dos Parecis, acham-se a Terra Indígena Tirecatinga e Terra Indígena Nambikwara, esta última objeto desta abordagem.

As terras dos grupos Nambiquara do Cerrado<sup>4</sup> são circundadas pela união de três linhas demarcatórias: a rodovia Marechal Rondon (BR-364, antiga BR-029), a linha seca, e os rios Juína, *Sisũnjajusu* (Água Fria), e Doze de Outubro, *Walukatnyajusu* (Rio da Paca) que, unidos ao Juruena, Sakaiyajusu

3 Com o intuito de uniformizar a grafia dos nomes indígenas, este estudo adota a convenção proposta pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1954), quando estabelece que a classe de palavra indígena não seria flexionada em gênero e número.

4 Adoto o termo Nambiquara do Cerrado, de idêntico significado que Nambiquara da Chapada dos Parecis, desde o estudo intitulado *Nambiquara, os do cerrado*. Ver COSTA (1992).

(rio do Cará) e Camararé, *Waibabxyansu* (rio da Taquara de flecha), respectivamente, delimitam a fronteira oficial a que estão circunscritos, quando os limites da Reserva Nambikwara foram retificados no ano de 1973. O rio Juína, um dos tributários da Bacia Amazônica, rola suas águas profundas e esverdeadas em trechos serenos, corredeiras fortes e encachoeirados até se encontrar com as do Juruena que, engrossadas com as do Camararé e outros afluentes, contribuem para a formação do Tapajós.

A presença da população não indígena nas áreas de entorno e o constante contato com os Nambiquara no interior de seu próprio território é representada neste estudo de forma metafórica, a uma analogia ao cesto-cargueiro, *hatisu*<sup>5</sup>. Sua escolha recai sobre a importância simbólica atribuída pelos índios, pois o cesto-cargueiro delimita a quantidade de bens que um Nambiquara pode possuir e transportar. Este artefato é testemunha da chegada da velhice, quando seu dono, com “pescoço cansado de velhice”, não consegue mais carregar o animal abatido até a aldeia; da mesma forma, a mulher idosa não suporta mais o peso da lenha, dos produtos coletados na roça, nos campos e da água suspensa na cabeça por uma tira de embira amarrada ao cesto. Em uma casa, a existência desse artefato simboliza a fartura e a presença do esposo que, periodicamente, presenteia sua mulher com um avantajado *hatisu*.

O entrecruzamento das lascas de bambu forma um arranjo hexagonal, soma de um apuramento técnico proveniente de mãos masculinas. Resulta, portanto, nas linhas delineadoras da fronteira Nambiquara, impostas pelo governo federal representadas simbolicamente pela rodovia BR-364, o rio Juína-Juruena e o Doze de Outubro-Camararé.

5 Sobre o cesto-cargueiro, *hatisu*, consultar Costa (2005 e 2009).



Figura I: O cesto-cargueiro e os limites da Terra Indígena Nambikwara

Fonte: Costa (2008).

Entrecruzadas, as lascas verticais indicam a presença dos não indígenas; as lascas horizontais interpostas figuram homens, mulheres e crianças Nambiquara que, juntos ao referencial teórico, o fio enredador do trançado, unem-se para formar a trama histórica. Rente à sua embocadura, acha-se a cidade de Comodoro, em Mato Grosso, a levar para o interior do cesto-território novos bens de consumo e novas práticas cotidianas, muitas a exigir intenso esforço da sociedade Nambiquara para ressignificar e atribuir valores.

Todavia, a linha que contorna o espaço apreendido e ocupado pelos Nambiquara do Cerrado tece-se nas urdiduras das suas representações culturais e resulta de um processo etno-histórico no decurso do contato entre povos indígenas vizinhos e grupos sociais oriundos de diversas partes do Brasil.

Múltiplos espaços assinalados ora por relações amistosas, ora de conflito, é aí que a alteridade se irrompe e passa a identificá-los como singular. Nesse sentido, “[...] os múltiplos espaços definem-se menos por contradições e mais por relações de proximidade, sem se reduzirem a um e a outro, cada qual funcionando a seu modo, com as suas regras, circunscrevendo-se num campo de relações.” (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 137).

O território geográfico Nambiquara, configurado pela BR-364, rios Juína-Juruena e Doze de Outubro-Camararé, é caracterizado por linhas demarcatórias em movimento que se deslocam por interesses temporários e que muitas vezes coincidem e coincidem com as políticas de incentivos fiscais direcionadas à exploração dos recursos vegetais e minerais da Amazônia Legal.

Neste contexto, o que se propõe é apresentar a perspectiva dos grupos Nambiquara do Cerrado em relação à hidrografia de seu território, especialmente sua percepção mítico-religiosa, quando a figura do pajé, *wanintesu*, torna-se fundamental no contato com o mundo sobrenatural. Na construção desta abordagem, estudos etnográficos foram entrelaçados às fontes orais coletadas entre os anos de 2004 e 2008.

## Águas encantadas

Nesse espaço, em relação ao complexo hidrográfico, todos os rios que nascem nos limites do território dos Nambiquara do Cerrado são formadores da maior bacia hidrográfica do mundo – a Amazônica, com suas nascentes localizadas na Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia. No Brasil, abrange os estados do Amazonas, Pará, Amapá, Acre, Roraima Rondônia e Mato Grosso. Cortado pela linha do Equador, o rio Amazonas apresenta afluentes nos dois hemisférios do planeta. Entre os principais tributários da margem esquerda encontram-se o Japurá, o Negro e o Trombetas; na margem direita, o Juruá, o Purus, o Madeira, o Xingu e o Tapajós. É o Tapajós que recebe as águas que banham o território dos índios Nambiquara para, então, encontrar-se com o Amazonas, que o espera no Pará. A bacia hidrográfica do Tapajós estende-se totalmente em território brasileiro e acha-se nos estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso. Entre seus formadores destacam-se os rios Arinos, responsável pela maior vazão d’água, e o Sakaiyausu, Juruena, que em português quer dizer rio do Cará (espécie não comestível, por ser seu paladar nada apreciável), seu formador mais extenso, limite Leste do território oficial dos Nambiquara, junto com o rio Sisunjausu (Juína). O rio Sakaiyausu (Juruena)

[...] nasce na encosta da serra dos Parecis e, correndo para o norte, vai juntar a sua água à do Teles Pires, onde recebe a denominação de Tapajós. Com mais de mil metros de largura, vem sendo navegado pelos civilizados desde 1800. O levantamento foi feito pela Comissão Rondon, iniciado no ano de 1911, por uma turma que teve como chefe o então capitão Manoel Teófilo da Costa Pinheiro. Dentre os freqüentadores do rio destacam-se os nhambiquaras e os parecis. Conta-nos o então tenente Júlio Caetano Horta Barbosa que, quando do seu encontro com os nhambiquaras, no rio Juruena, para receber os presentes, dois índios enfrentaram o rio. Um deles colocou dois talos de buriti debaixo dos braços, para servir de bóia, e o outro índio pegou nos pés do primeiro, trazendo fumo, mel-de-abelhas e colares que deram aos civilizados em troca do que recebiam. A denominação dada pelos índios parecis ao rio Juruena é Ana-a-iná, que significa “rio onde o cacique Aná costuma beber água”. (RONDON, 1970, p. 28).

Roquette-Pinto (1919, p. 289) também chama atenção para o hábito de usar talos de buritis na travessia dos rios. Segundo ele, os Nambiquara “[...] não nadam nem navegam e, se precisam atravessar os rios, valem-se de um feixe de talos de buriti sobre o braço, à moda de um flutuador”. O pecíolo ou bainha das folhas dessa palmeira, depois de ressecado, era amarrado em feixes e usado como balsa para a travessia de rios. Entretanto, a balsa de buritis foi paulatinamente substituída pelo fio de aço empregado nas Linhas Telegráficas que, esticado de margem a margem, serve de travessia ao rio Juína, *Sisunjausu*. Alguns anos após a instalação dos telégrafos, esses fios foram incorporados ao cenário e à vida Nambiquara.

Para singrar os cursos dos rios, os Nambiquara não têm o hábito de construir embarcações talhadas em casca de árvore, como seus vizinhos Enawene-Nawe e Rikbaktsa, por exemplo. Nos relatos da “Comissão Rondon” são encontradas indicações desses índios utilizando talos de buriti, numa espécie de balsa, para a travessia de rios, principalmente o *Sisunjausu*, rio Juína. Também informa que esses índios “[...] não sabem construir canoas; atravessam os rios a nado, quando muito pondo sob o braço esquerdo um feixe de talos de buriti, material que bóia tão bem como a cortiça.” (ANÔNIMO, 1916, p. 327). Como complemento dessa informação, Mello (s/d, p. 18) informa que os Nambiquara

[...] não são navegadores; não conhecem a canoa, apenas usam para transpor os rios de jangadinhas, ou melhor, de uns molhos grandes de talos de buriti, sobre os quais impõem seus cestos e armas e nadam para a outra margem, segurando neles. Nos rios mais estreitos, mas que não dão vau, fazem pinguela.

Nas décadas de 1970 e 1980, com recursos advindos da FUNAI pelo Projeto Nambikwara e do POLONOROESTE (Banco Mundial), os Nambiquara adquiriram barcos de alumínio movidos a motor de popa para singrar os rios Juína e Doze de Outubro, com fins pesqueiros e de fiscalização de seus limites territoriais. Nos anos de 1980, Zezinho e João Maxixe, ambos do grupo Halotesu, depois de aproximadamente um mês de trabalho, exibiram com orgulho sua canoa, de mais de cinco metros de comprimento, esculpida em mogno, à maneira do pilão, contrariando, assim, alguns registros mais antigos. Portanto, atualmente a navegação, que passou a fazer parte do cotidiano dos Nambiquara, é praticada com três barcos, um para navegar o rio Doze de Outubro e os outros, o Juína, estes ancorados no porto do Canguru, nome dado em homenagem a um índio já falecido que edificou sua morada nesta localidade, no porto da Cachoeira, este mais à montante.

Também utilizam córregos e rios para a pesca do matrinxã, pacu, traíra, piau, jau, pintado, lambari, bagre, cará, piauzinho (com arco e flecha-espeque, arpão, timbó, após os primeiros contatos, linha e anzol). Essa atividade é praticada com extrema cautela, pois seres sobrenaturais, que podem tomar emprestada a figura de animais, estão sempre à espreita do momento oportuno para atacar. Desde os tempos remotos, de acordo com os mitos esses seres habitam as águas dos rios e praticam atrocidades. Pereira (1974, p. 31-32) informa que

[...] o velho Ne.àlosu foi com seu filho matar peixinho com timbó. Chegando à beira de um córrego, Ne.àlosu espremia as folhas de timbó na água e o filho recolhia os peixinhos mais em baixo. O menino ia cantando e assobiando. A boipeba ouviu o menino cantar e se pôs a sondá-lo. Quando o menino se aproximou, a boipeba o flechou e matou. Ne.àlosu esperou pelo filho e nada dele voltar. Procurou, gritou, chamou. E nada. Então voltou para a casa e chamou o velho Kukalisu (lagartixa papa-vento amarela) e pediu para procurar seu filho. Kukalisu procurou e o encontrou morto dentro de um buraco. Enterrou e chegando a casa contou para Ne.àlosu: – Encontrei seu filho morto dentro de um buraco. Foi boipeba quem matou. Então, Ne.àlosu chamou o beija-flor e a juriti para ajudarem. O velho Kukalisu explicou para o beija-flor e a juriti onde era a casa da boipeba e disse que a porta era bem fechada. Quando encontraram no buraco da boipeba, primeiro o beija-flor voou bem alto e desceu de lá de cima rapidamente, fazendo um grande barulho. A juriti fez a mesma coisa. A boipeba mandou os filhos ver o que era aquilo. As crianças puseram a cabeça fora do buraco e disseram: – Vem ver, mamãe, que nós não estamos vendo nada! A boipeba foi ver. Quando pôs a cabeça fora do buraco, o beija-flor a flechou. A boipeba caiu morta ali mesmo. – E agora, o que vamos fazer? Falaram a juriti e o beija-flor. – Vamos jogar

na água ou vamos enterrar? Nessa hora, o gavião apareceu e pediu para comer a boipeba. Por isso, até hoje, esse gavião só come cobra.

Córregos e rios também são procurados para o banho, abastecimento de água da casa, armazenagem de alimentos (massa de mandioca e pequi), lavagem de roupas e utensílios domésticos. Em todas essas atividades, o lúdico se faz presente. Em dias quentes, em especial, córregos e rios são repetidamente frequentados pelas famílias, hábito presente desde o “tempo de antigamente”<sup>6</sup>. O gosto que os Nambiquara têm pelo banho acha-se registrado em sua memória, de acordo com os relatos orais, desde os primeiros tempos. Pereira relata (1974, p. 47) que

[...] um velho matou um bicho. Um moço pediu o fígado. – Não, você comendo o fígado do bicho, seu fígado dói. Então, o moço pediu as tripas. – Não, você comendo as tripas, suas tripas doem. Assim, tudo que o rapaz pedia para comer, ia doer nele: o braço, o pé, o espinhaço, as costelas, a perna e a mão. O rapaz disse: Então eu vou é tomar banho e beber água. – Ah, isso é uma coisa boa! O moço tomou banho e bebeu água. Por isso é que o Nanbikuára acha isso bom.

No banho, a maioria dos índios é vista despida. Sobre outros povos indígenas, Darcy Ribeiro (1996, p. 126) afirma que entre os Urubu-kaapor, do Pará e do Maranhão,

[...] essa gente se banha que não pára. A cada instante chega um molhadinho do córrego e, mal seca a água do corpo, volta a molhar-se. [...] Os índios tomam esses banhos tão freqüentes, duas, três e até mais vezes por dia, em tempo de frio ou de calor, estejam sãos ou doentes.

O prazer de se banhar a todo instante também está presente entre os Nambiquara. É nesse momento que as crianças, que nunca vão sozinhas ao rio, começam a aprender a nadar. Enquanto suas mães lavam roupas e vasilhames, bem próximas a elas, sob olhares atentos seus filhos dão seus primeiros mergulhos. Um pequeno e raso trecho do rio é delimitado por troncos de árvores, a fim de que não extrapolem o espaço seguro, evitando a ação da correnteza. Quanto aos jovens e adultos, nadam longos trechos por debaixo d'água, numa demonstração de grande capacidade de reter o ar nos pulmões. Sobre esse hábito, Pyreneus de Souza (1919, p. 7) informa que os Nambiquara “[...] nadam e mergulham muito bem. Não têm medo de mergulhar nos poços mais fundos, enraizados e de águas escuras”.

6 A idade mítica, para os Nambiquara, “tempo de antigamente”, é concebida na dimensão de um tempo imaginado, no início do universo, e que representa períodos de felicidade, de realizações e de catástrofes, de degradação das condições da vida natural e moral. Consultar Lévi-Strauss (1975, p. 237-265).

Moradores de aldeias onde o abastecimento d'água é inexpressivo para um banho mais refrescante, em visita àquelas aldeias agraciadas por um belo córrego como, por exemplo, a Central, Serra Azul, Branca e Camararé, logo ao chegarem procuram o rio para banhar-se. Mas, na idade mítica, segundo eles, o banho também serviu para castigar até à morte uma menina preguiçosa. Pereira (1974, p. 49) relata que

[...] uma mãe tinha uma menina muito preguiçosa. A mãe mandava a menina buscar água e ela não ia. Mandava buscar lenha: não ia também. A menina não queria fazer nada. Então, a mãe se zangou e prendeu a menina. A mãe a toda hora dava um banho na menina e não deixava esquentar nem um pouco. A filha chorava de frio. Foi indo, a menina morreu. O Nanbikuára aprendeu daquela mulher a prender a filha quando sai o primeiro sangue, mas não mata a filha de tanto dar banho.

Durante o dia, as imediações dos córregos e rios abastecidas por trilhas estreitas que adentram as florestas de galeria são frequentemente procuradas por casais que buscam um lugar reservado às carícias amorosas, longe dos olhares curiosos. Após o enlace, o banho é regado por cortejos e brincadeiras, ao som de suas gargalhadas.

A noção espacial que os índios têm de seu território, com suas aldeias, campos, matas, várzeas, elevações, depressões, rios, córregos, lagoas, rebojos, cachoeiras, é espantosa. Rapidamente, na programação de expedições de caça, pesca e coleta, para abrir trilhas, aldeias ou clareiras na mata para a prática agrícola, os homens se agacham e desenharam na areia, com o dedo indicador, a direção a ser seguida. Essa cartografia improvisada, precisa para seus interesses, parte da nascente dos rios, com suas águas ainda solteiras, até sua foz, num encontro esverdeado, característica do cerrado.

Como para os Nambiquara “todo rio tem espírito de peixe”, “toda cachoeira tem animal”, essa hidrografia encantada representa a morada de muitos seres sobrenaturais, em especial, do casal de peixes *Kikayãullu* e *Kikayãuli*.

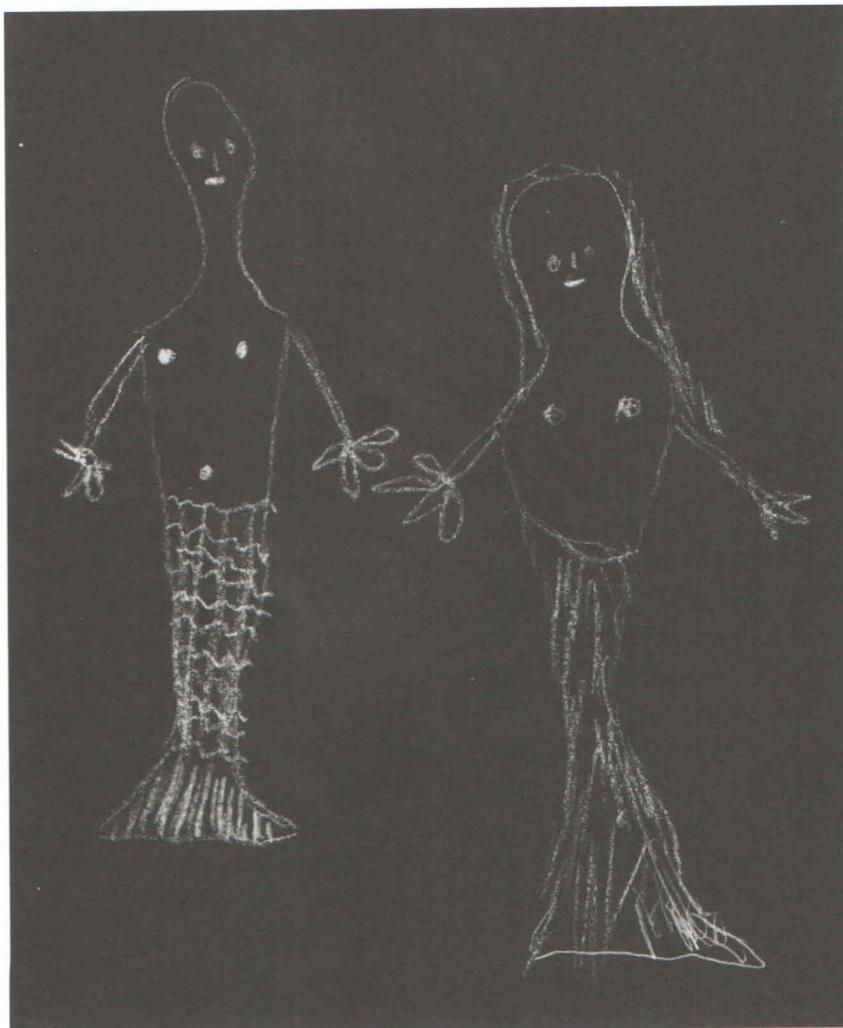


Figura II: Casal de peixes *Kikayãulhu* e *Kikayãuli*.  
Fonte: Costa (2008).

Esta espécie pode estar em vários córregos e rios, pois lhe cabe a capacidade da reprodução. O índio Nambiquara Orivaldo Halotesu (Cuiabá, 06.11.2006) conta que

[...] viu o espírito da cachoeira. Marquinho [seu filho] que viu primeiro. Eles foram espiar o espírito. Anael e Marquinho [seus filhos] correram. Eu conversei com o espírito que não veio para matar, mas para pescar. Tocar flauta de nariz ele gosta, ele aparece. Se gritar na beira do rio, ele vem [imita o som do espírito da cachoeira]. Ele não gosta da cor

vermelha, branca. Ele gosta da cor preta. Ele não corre, mas quando mergulha, sai igual peixe. Ele não gosta de sol. Igual peixe, quando sai fora d'água, ele morre.

Com referência à *Kikayãuli*, em entrevista, Orivaldo Halotesu (Cuiabá, 06.11.2006) informa que cachoeiras são suas moradas preferidas e que

[...] é parecida com gente e seu pé é parecido com lobó [peixe]. Tem mão de gente. É perigosa. Se ela morrer, morre peixe, seca água, diminui água. Tem homem e tem mulher. Ela é dona do rio, do peixe, tracajá e jacaré. Também gosta de água suja. O pajé pode ir lá para cantar para ele para não ficar triste, mas é muito perigoso.

Assim, o pajé, *wanintesu*, precisa cantar para alegrar *Kikayãuli*, pois ao agredir sua morada, com a derrubada das matas, próximas às corredeiras e cachoeiras, ele fica triste e poderá vir a falecer. Sua tristeza provoca a diminuição das águas e, até mesmo, dos peixes, tracajás e jacarés. Fuado Sawentesu, em seguida, complementa a informação de Orivaldo: “[...] quando derruba [a mata] fica muito quente; o mesmo acontece com o rio. Tem que cuidar, proteger o rio para não secar, diminuir água ou acabar com peixe”.

A água é a morada de muitos espíritos do mau, sempre dispostos a atacar. Mesmo com interferência dos espíritos ancestrais e sobrenaturais benfeitores que se empenham para que não os encontrem, esses seres inumanos criam circunstâncias propícias para cruzar seus caminhos. Acreditam que o simples fato de vê-los pode levar à morte, caso não seja um *wanintesu*. Este deve incumbir-se de indicar os lugares inapropriados à presença humana, assim como ensinar-lhes seus nomes, sua aparência física e seus hábitos, incluindo os alimentares (especialmente cadáver putrefato, sangue, tubérculos coletados no fundo dos rios).

Os Kaiabi, habitantes das terras dos rios Teles Pires, dos Peixes e do Xingu, em Mato Grosso, também entendem a água com reduto de seres inumanos. Para eles,

[...] em todos os rios vivem os karuat. Não se sabe se são homens ou mulheres, mas são chefes de todos os animais de água e muito perigosos para os humanos. Eles puxam o homem pelo pé para o fundo da água (Nawé). Um dos karuat é o tacapéi, a onça d'água. Ele se parece com a onça, nas os aína e o panyé podem vê-lo na forma humana porque ele é exatamente como um homem (Maireru). Na água também vive uma harpia – kwanoaip que o comum dos homens não pode ver. Tem a aparência de um homem e é chefe de todas as harpias (GRÜNBERG, 2004, p. 202).

Contam os Nambiquara que a morte de um jovem Kithãulhu, em 2005, foi ocasionada pela ação maléfica dessa mulher-sereia. Ele “[...] estava trabalhando, pegou uma pedra grande, fez aquela força! Ela que atacou. A mulher-sereia. Na verdade, foi a mulher que atacou. Ela estava marcando ele”, conforme notificou o índio Samuel Kithãulhu (aldeia Central, 28.02.2006). Esse espírito feminino, *Kikayãulhu*, habitante das águas, segundo a descrição dos índios, possui formosa ímpar, similar às sereias. Essas mulheres-espíritos ficam à espreita dos homens quando se dirigem sozinhos aos córregos e rios para pescar ou banhar. Expostas da cintura para cima, ocultam sua espécie e seus longos cabelos negros emolduram uma beleza indescritível, escondendo suas intenções: encantá-los também com a doçura de seu canto e de suas carícias, até conduzi-los às profundezas d’água para jamais retornarem. *Kikayãulhu* ou *Uakanasu* também mora em águas subterrâneas. Mané Manduca (aldeia Central, 01.07.2006) explica que

[...] *Uakanasu* fica no rio, companheira de *kakayãulhu*. Qual o papel delas? Pegar a pessoa e consumi-la. [...] Por debaixo tem um buraco, lá que tem alma perigosa, espírito da natureza. Ela mora lá embaixo, lá dentro é água. Ela é muito bonita, só que é ruim, ruim. Na pesquisa de Samuel, ele encontrou aqueles pedaços de pedra.

Para os Nambiquara, a morte, aparentemente repentina, do rapaz Kithãulhu foi causada pela ação da mulher-sereia. Relatos revelaram que *Kikayãulhu* “estava marcando ele fazia muito tempo”. Samuel Kithãulhu, um *wanintesu*, inconformado com o incidente fatal, no mesmo dia saiu, solitário, em expedição venatória até o local onde ocorreu o encontro entre os dois – o rapaz e a sereia – e recolheu algumas pedras partidas, indícios da presença desse ser mítico. De volta à aldeia, ofegante e extremamente agitado, exibiu o que havia encontrado, comprovando a todos a autoria de tão grande malefício.

Além desses entes aquáticos, Pereira informa que dentre as inúmeras espécies de espíritos maus, os Nambiquara temem o casal *Kikiãulhu*, habitante de pequenos córregos. Esses seres, tanto os do sexo masculino quanto os do feminino, têm corpos brancos e cabelos compridos. Gostam de se mostrar asseados e sempre com a aparência de gente nova, pois jamais envelhecem. Ambos adornam suas cabeças com aro de pena de arara vermelha (PEREIRA, 1973, p. 4-5). Os *Kikiãulhu* percorrem as águas na companhia de ariranhas. Temerosos de seus castigos, os índios não matam e não comem a ariranha porque podem contrair doença e virem a falecer em consequência do vento que adentra o corpo da vítima e percorre sua corrente sanguínea.

Da mesma forma, crêem na entidade conhecida por *Alutzü*, que carrega uma panela de barro nas costas à maneira do cesto-cargueiro, *hatisu*. Há também um espírito maléfico denominado *Uakanázü*, espécie de jacaré que habita nos poços e saltos, enquanto que seus filhos preferem os córregos. De corpos totalmente brancos e cabelos compridos<sup>7</sup> como os *Kikiäulhu*, esses seres raptam crianças e as levam para os rios, onde serão devoradas. Já o *Uakalatasu*, também semelhante ao jacaré, vive nos saltos e tem o costume de levar as pessoas para dentro d'água, engolindo-as. Sua urina é tão fétida que ocasiona profundo mal-estar naquele que inspirá-la.

Ainda na explanação de Pereira (1973, p. 7), o ser inumano *Podntzü*, habitante dos alagadiços, possui – [...] dois espinhos vermelhos na cabeça e mais alguns nas costas. “[...] Costuma pegar as crianças e as carregar espetadas nos espinhos das costas. *Podntzü* tem o rabo curto, mas os pés são de tamanho avantajado. Ao meio-dia costuma sair também no campo seco”. Outro espírito do mau que vive na água e que persegue os Nambiquara é o *Ualuru*, semelhante ao tatu-canastra. Seus pés têm apenas um dedo com uma unha amarela, vermelha e azul. Em geral, os *wanintesu* enfrentam essa fera com sua espada de madeira. Quando o *Ualuru* é morto vem a estiagem, porque, quando vivo, faz minar água da terra até ocasionar uma inundação. Ele tem um companheiro que habita as nascentes dos cursos d'água, *Hatikisu*, espécie de tartaruga aquática, responsável por levá-lo para debaixo da terra e fazê-lo minar água. A urina fétida e contagiosa pode provocar feridas letais aos índios descuidados que entram em contato com ele.

Já o *Alaaintzü* (ou *Alaatasu*), uma arara vermelha de tamanho descomunal, irmã do jacaré,

[...] vive nas imediações da lagoa Kasuleniendisü, próxima ao rio Juína. Se uma pessoa chegar perto dessa lagoa e perceber que céu começa a se tornar vermelho é sinal evidente de que *alaaintzü* viu a pessoa. [...] Se a pegar, segura-a com as unhas do pé e a bica até matar. O mais seguro, ao notar que o céu se faz vermelho, é afastar-se imediatamente e, mais seguro ainda, nunca chegar perto daquela lagoa. Basta ver *alaaintzü* para vomitar e necessariamente morrer, porque nenhum pajé conhece remédio para esses vômitos. O maior perigo, no entanto, é para a mulher que acaba de dar à luz e sobretudo para a menstruada, porque *alaaintzü* cheira e persegue o sangue catamenial (PEREIRA, 1973, p. 8).

7 As mulheres Nambiquara, independente da idade, não têm o costume de deixar seus cabelos muito compridos. Usam cobrindo a nuca e, em menor escala, na altura dos ombros.

Pereira, nesse mesmo estudo, relata que o espírito mau *Alunlabatasu*, uma sucuri que vive na água, foi a responsável pela mudança de uma aldeia que, mais tarde, recebeu de Cândido Mariano da Silva Rondon a denominação de “Vinte de Setembro”, mais conhecida por “Aldeia Vinte” e que até hoje é um ponto de permanência para os Nambiquara. Há, dentre tantos, o *Dibatasu*, outra sucuri de dentes tortos como anzóis, capaz de engolir uma pessoa; o *Nitalukisu*, cabeçudo e com chifres, que passa todo o tempo deitado nas águas paradas das lagoas e o *Uaihalatasu*, um inseto de ferrão semelhante à ponta de uma flecha e que faz sua morada nas lagoas turvas.

Lagoas piscosas e cristalinas são o habitat propício dos seres sobrenaturais semelhantes às anacondas, em especial, a *Tibatasu*. O território Nambiquara é agraciado pela beleza de inúmeras lagoas, mas todas elas, sem exceção, vistas sempre com cuidado extremo. Nas proximidades da aldeia Buritis, morada do casal Halotesu, Zezinho e Tereza Evelina, existe um complexo de pequenas lagoas impróprias ao banho. Cotidianamente, seus moradores, mesmo à luz do dia, banham-se somente nas suas margens com o auxílio de um caldeirão de alumínio e cuias de cabaça porque são sabedores de que naquelas águas misturam-se enormes e perigosas sucuris. Orivaldo Halotesu (Cuiabá, 06.11.2006) informa que esses répteis não podem ser capturados, pois acreditam que “[...] são todos espíritos brabos e se matá-los, a lagoa seca. Eles nem mesmo podem ser vistos, principalmente a sucuri curta, que parece curta, mas não é. Quem conseguir avistar este animal é igual enxergar o pé de buriti na água”. Fuado Sawentesu (Cuiabá, 31.05.2007) também explicou que na “[...] região de Caranã tem duas lagoas. Tem jacaré e não pode matá-lo porque as lagoas secam”.

As águas cristalinas do cerrado, por abrigarem uma quantidade de espíritos maléficos, alguns deles com hábitos antropofágicos. Inspirando-me em Bachelard, as águas têm um poder de transformação e tornam-se “águas profundas”, “águas dormentes”, “águas mortas”, “águas pesadas”. No pensamento do filósofo, a água

[...] é a substância que melhor se oferece às misturas, a noite vai penetrar as águas, vai turvar o lago em suas profundezas, vai impregná-lo. Às vezes a penetração é tão profunda, tão íntima que, para a imaginação, o lago conserva em plena luz do dia um pouco dessa matéria noturna, um pouco dessas trevas substanciais (BACHELARD, 2002, p. 105).

Viertler (1991, p. 209) informa que lagoas de águas sujas são temidas pelos índios Boe (Bororo), vizinhos situados a Sudeste do território Nambiquara, que

[...] costumam ter cheiros ruins, principalmente às margens, por causa de restos de resinas e plumas usados pelos homens durante as representações cerimoniais, que podem causar doenças. Por isso, ao tratar do doente, o *Aroe Etawara Aro* diz tirar o cheiro do *Mano*, do *Aije*, do *Noa*, substâncias associadas a regiões pantanosas, insalubres, de cheiros fétidos, tal como aquele que emana dos cadáveres ainda não lavados.

Nascentes d'água, buritizais, brejos, cachoeiras, lagoas e rebojos são visitados com restrição por gentes Nambiquara despreparadas para possíveis enfrentamentos com seres inumanos. Estas evitam ir a esses locais desacompanhadas, até mesmo durante a luz do dia. Entendidos como lugares de seres míticos, grande parte de índole má, não são propícios ao banho ou brincadeiras, independentemente do volume ou da intensidade da queda d'água. Em relação à periculosidade dos trechos encachoeirados dos rios, Fuado Sawentesu informa que no rio Juína, *Sisumjansu* (rio da Água Fria ou rio da Bunda Fria), abaixo da foz do córrego Água Bonita, *Wasakokiyausu*, que quer dizer rio do Coró Taturana, Fuado Sawentesu (Cuiabá, 06.11.2006) acrescenta que:

[...] tem cachoeira bem braba! Odair [genro de Paulo César Sawentesu e filho de Fuado Sawentesu], pequeno ainda, Evaristo [seu filho], meu pai, Reginaldo, eu. Arrasta barco, passou bem grande, cabelo meio preto, sentado no meio da pedra, no meio do rio. Depois de remar para chegar lá [na pedra], não achar nada. Quando cheguei no meu seringal, meu nariz saiu sangue. Me assustou. Pássaro bem grande. Eu estava pensando urubu. Todo mundo está enxergando. Me assustou mesmo. Quase desmaiei. Meu nariz ficou com cheiro de sabonete, perfume, gosto ficou ruim. Por isso, pessoal tem medo de pescaria. Agora eu fiquei teimoso ao entrar na cachoeira também. Se arara vermelha sai debaixo da cachoeira, você não fica vivo. Nunca eu encosto nessa cachoeira!

Orivaldo Halotesu ao referir-se a um fato ocorrido há longo tempo, quando os Nambiquara encontraram no cerrado grande abundância de uma espécie de cará nativo, preocupou-se em enfatizar a importância de uma cachoeira que se localiza nas proximidades das cabeceiras do rio Juína. Nesse lugar cantaram *Sisakabaigtmesu* (*sisakaba* = cachoeira; *igtensu* = música), como informa em entrevista Orivaldo Halotesu (Cuiabá, 06.11.2006):

Antigamente, quando Nambiquara não tinha comida [vegetais cultiváveis em roças], povo achou bastante *sisakisu*, comida natural do campo, cará do campo, nome de comida tradicional, igual raiz de mandioca mesmo. É branca e comprida. Achou bastante neste cerrado. Povo está animado. Povo fez festa para essa comida. Cantou ao redor da cachoeira. Pode acampar.

Adjetivar cachoeiras com a palavra “braba” é uma construção constante entre os Nambiquara. Tal designação dá-se em consequência dos entes sobrenaturais como a sucuri, o urubu, a arara, dentre outros, habitarem nessas águas e, por isso, serem seus donos. Fuado Sawentesu conta que as lagoas, mesmo que sejam piscosas, devem ser tratadas com muito cuidado porque, segundo Orivaldo Halotesu (Cuiabá, 06.11.2006), “[...] têm alma perigosa, peixe perigoso. Mulher menstruada não pode se aproximar dessa lagoa. Sangue é forte. Só com o cheiro de sangue eles começam a atacar”.

À noite, os índios não costumam frequentar cursos d’água em virtude do perigo que podem oferecer, tanto pela presença de espíritos sobrenaturais como das várias espécies de animais de hábitos noturnos que procuram os rios para saciar sua sede. Mesmo à luz do dia, o banho de rio é proibido às mulheres com fluxo sanguíneo. Em geral, sempre acompanhadas, chegam até às suas margens, enchem o caldeirão de alumínio e se banham com cuia de cabaça, ou mesmo de plástico. Por ser apreciado por vários seres inumanos, o sangue catamenial não deve seguir rio abaixo para também servir de alimento aos peixes.

Todos, nessas águas encantadas, indistintamente, são proibidos de fazer suas necessidades fisiológicas. Desde pequeninas, as crianças aprendem que urinar e defecar nos córregos, rios, lagoas e rebojos as colocam na categoria de animais. Esse hábito também acarretaria malefícios à saúde dos índios, causando-lhes fortes dores abdominais.

Essas impressões, misturadas à paisagem hidronímica, produzidas pelas práticas dos índios, constroem a justificativa do porquê das suas aldeias serem edificadas a certa distância das águas, sejam elas das nascentes, córregos, lagoas, rios, seus rebojos e cachoeiras. Mello (s/d., p. 7) informa que os Nambiquara “[...] não colocam a choça imediatamente junto ao rio e à roça nem dentro da mata ou das várzeas, mas sem ser longe da lavoura e da água, em lugar alto e plano no cerrado enxuto e arenoso”.

Mendes (1982, p. 13) afirma que os Nambiquara

[...] preferem morar no campo, onde abrem uma clareira para a instalação da aldeia, mas com a condição de que esta fique próxima à mata, onde eles fazem suas roças. A preferência pelos campos para a moradia se explica pela existência de areia em abundância onde os índios Nambikwara preferem dormir e se consideram bem instalados.

O relato do antropólogo fornece uma única explicação para a preferência dos índios instalarem-se no campo, onde há grande quantidade de areia, ideal para a edificação das aldeias e, especialmente, para dormir no chão,

hábito desses índios. Entretanto, Mané Manduca explica que todos os grupos Nambiquara do Cerrado optam por construir suas casas nos campos, longe da água para evitar que seus filhos pequenos não tenham acesso fácil a ela, impedindo mortes por afogamento. Mas, não só por isso. Existem, segundo o Manduca (Cuiabá, 10.12.2005),

[...] lagoas muito perigosas, onde ficam os demônios. Quando os índios vão para lá, os espíritos que moram nessa lagoa, começam a fazer barulho. No rio Juína tem cachoeira perigosa. O espírito da cachoeira ficou com raiva e atacou o Orivaldo, que foi mordido de cobra. Militão [Halotesu] tem uma lagoa perigosa. Foi ali que aconteceu. O demônio da lagoa pegou o Militão. Militão e Aristides foram pescar em lugares separados. Aristides pescando com anzol. Esse anzol era único e muito querido dele e o anzol pareceu que se enroscou dentro d'água. Ele entrou na água e uma cabaça de bico torto agarrou e não conseguiu livrar dela.

É também por conta da mãe d'água, *Wakanasu* ou *Kikayaulhu*, que, segundo Mané Manduca (Cuiabá, 10.12.2005), temem construir casas nas proximidades das águas. Ela assemelha-se à “[...] sereia, e é feiticeira. Mata as pessoas tacando veneno. Ela trabalha mais com feitiço”. Essas lagoas, cercadas de buritis, podem ser encontradas nas florestas de galeria e fazem parte da paisagem dos campos cerrados.

## Considerações finais

No desenvolvimento das pesquisas, especialmente na coleta das fontes orais, verificou-se a maneira diferenciada que os grupos Nambiquara do Cerrado atribuem à rede de córregos e rios que corta seu território. Para eles, os rios são lugares especiais, não somente porque reproduzem suas práticas de sustento e lazer, mas também por indicar localidades sagradas, onde alguns espíritos escolheram como suas moradas.

Assim, à paisagem incorporam-se, nos termos de Michel de Certeau (2002), as “artes de fazer” e, nos termos de Santos (1997, p. 68), do “trabalho corporificado em objetos culturais”. Ela consiste em um “[...] conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço”.

Significa que, aos olhos dos grupos Nambiquara Halotesu, Sawentesu, Wakalitesu, Kithãulhu, Niyahlosu, Siwaihso e Hinkatesu, as águas fluviais são locais de reprodução de suas práticas cotidianas, bem como consistem em

espaços designativos do sagrado, isto é, suas águas são moradas dos espíritos com características benéficas e maléficas. Nessa concepção, o pajé, *wanintesu*, é o intermediador entre dois mundos: o profano e o sagrado.

O espaço Nambiquara é apreendido em suas representações, imagens e concepções, portanto, construído em função tanto de seus sistemas de pensamento, como de suas necessidades. A água, concebida e envolvida em tantos significados, é o ponto de partida para o reconhecimento de seu território. Durante as pesquisas de campo (2004-2008), córregos e rios são os primeiros traços registrados na cartografia improvisada na areia fina do pátio das aldeias, numa escrita efêmera, em detrimento à que se reformula constantemente nas páginas de suas memórias. Raros são os momentos em que os Nambiquara iniciam seus mapas na areia, ou mesmo no papel, pela BR- 364, um dos limites oficiais seu território, aldeias, montanhas ou outro ponto geográfico. É como se a sua região fosse algo quase sem limites, como o chão em que desenham, formado por rios indicados por riscos poucos sinuosos e pelas moradas dos vivos, dos mortos (cemitérios e montanhas sagradas) e dos seres sobrenaturais (campos, matas, montanhas sagradas, lagoas, cachoeiras e rebojos), indicadas por marcas arredondadas, oriundas da pressão de seus dedos sobre a terra, a demonstrar um enorme conhecimento sobre seu território tradicional.

Sérgio Buarque de Holanda (1975, p. 20-21), ao descrever a ação expansionista dos paulistas desde o século XVI, exalta o conhecimento indígena em relação à vasta área percorrida do território brasileiro. Para o historiador,

[...] os indígenas eram capazes de desenhar mapas. Nos quais os principais acidentes eram registrados com perfeição, tais como os cursos dos rios, seus afluentes, cachoeiras, saltos, varadouros, enfim, utilizavam-se de sua prodigiosa memória cartográfica para riscar, na areia, o retrato de sua vivência próxima com a natureza. Os desenhos feitos pelos índios podiam ser comparados aos similares elaborados pelos cartógrafos medievais.

Em relação aos Nambiquara, mapeada no chão, essa cartografia hidrográfica constrói uma reterritorialização baseada em sua vivência, tecida com o entrelaçamento dos fios das histórias que eles mesmos escolhem para captar sua lógica espacial.

## Referências

- ANONIMO. **Missão Rondon**. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas sob a direcção de Candido Mariano da Silva Rondon de 1907 a 1915. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1916.
- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Coleção Tópicos).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 8. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Hatisu Nambiquara**: lembranças que viraram histórias. Cuiabá: Tanta Tinta, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Wanintesu**: um construtor do mundo Nambiquara. Tese. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História, 2008. 486p.
- \_\_\_\_\_. **Além do artefato**: cultura material e imaterial Nambiquara. Cuiabá: EdUFMT : FAPEMAT, 2009.
- RIBEIRO, Darcy. **Diários índios**: os Urubus-kaapor. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GRÜNBERG, Georg. **Os kaiabi do Brasil Central**: história e etnografia. Tradução Eugênio G. Wenzel; tradução dos mitos de João Dornstauder. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.
- GUIMARÃES NETO, Regina. **Cidades da mineração**: memória e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 2. ed. Departamento de Cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: *Antropologia estrutural*. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 237-265 (Biblioteca Tempo Universitário, 7).
- MELLO, Alonso Silveira de. **Os Nambiquaras Juruenas (1)**. Síntese histórica. Arquivo da Missão de Diamantino. Sede Regional de Mato Grosso (BMT). Mello, Pasta 1, fascículo 7, s/d. (datilografado).
- MENDES, Artur Nobre. Reserva Indígena Nambikwara. **Identificação e delimitação da Reserva Indígena Nambikwara, localizada no Município de Vila Bela da Santíssima Trindade – Mato Grosso**. Ministério do Interior. FUNAI/BSB/0832/82. Brasília, 1982.

PEREIRA, Adalberto Holanda. Os espíritos maus dos Nanbikuára. In: **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1973 (Antropologia, 25).

PEREIRA, Adalberto Holanda. A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos índios Nanbikuára. In: **Pesquisas**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1974 (Antropologia, 26).

SOUZA, Antonio Pyreneus de. Notas sobre os índios Nhambiquaras. **Informação goyana**. s/l., 1919.

VIERTLER, Renate Brigitte. **A refeição das almas**: uma interpretação etnológica do funeral dos índios Bororo – Mato Grosso. São Paulo: Editora Hucitec: Editora da USP, 1991 (Ciências Sociais, 27).